

Clara Nunes Correia
Faculdade de Ciências Sociais e Humanas
Universidade Nova de Lisboa

Determinação nominal e diátese

As relações que a determinação nominal estabelece com outras categorias gramaticais constitui uma das vertentes de estudo menos exploradas na recente análise linguística. A diátese, definida como "(...) a organização da distribuição do sujeito e do objecto à volta de um predicado (...)" (Franckel 1994: 231) merece uma atenção especial tendo em conta a sua interacção com a determinação nominal sobretudo, no que se refere à análise dos argumentos nominais que circundam o predicado, e em certo sentido o restringem.

O estudo desses argumentos torna-se ainda mais pertinente quando se verifica que, a quase totalidade das construções em que os predicados verbais coocorrem com dois argumentos nominais, com funções sintácticas tradicionalmente definidas como sujeito e objecto directo, não só admitem a construção passiva e a construção activa, como podem ainda nominalizar-se.

Num artigo recente sobre a construção passiva (*Langages* 109, 1993), Gaston Gross define as nominalizações deverbais como 'passivas nominais' ou 'passivas com predicado nominal'. Não se trata de considerar o Nome como mais ou menos activo ou passivo, mas de considerar a construção onde ocorre a nominalização como uma construção passiva.

A análise proposta por Gross enfatiza implicitamente a determinação nominal, não só por se centrar no estudo de nominalizações de predicados verbais, mas também por dar conta das ocorrências dos

determinantes nominais dependentes de certos contextos. Veja-se por exemplo a boa ou a má formação dos exemplos

O Paulo perdeu um/o caderno; Um /o caderno foi perdido; Foi perdido um/*o caderno

Um outro ponto importante desta análise refere-se às relações que os predicados verbais estabelecem com as suas próprias nominalizações. Aparentemente deveria existir uma correspondência biunívoca entre uma construção passiva e a construção com a nominalização deverbal que lhe corresponde, como acontece, por exemplo em

este projecto foi avalizado pelo Paulo/ este projecto recebeu o aval do Paulo

No entanto, o facto de, por exemplo, o predicado verbal 'colaborar' não aceitar a construção passiva, não impede a leitura passiva com o predicado nominal, como se constata em

*este projecto foi colaborado pelo Paulo/este projecto recebeu a colaboração do Paulo

Estes dados, comuns ao francês e ao português, tratados numa perspectiva teórica precisa - o transformacionalismo de Harris - que "(...) consiste em descrever a frase não como uma forma binária (sintagma nominal e sintagma verbal) mas em termos de operador (predicado) e argumentos (sujeito e objectos) (...)" (Gross 1993:105) - servem aqui como exemplos de alguns dos problemas possíveis desencadeados pelas relações da diátese com a determinação nominal.

Nesta comunicação terei como referência os trabalhos de Franckel 1994 e Culioli-Atwood 1992 por se inscreverem, por um lado, no quadro teórico da Teoria Formal Enunciativa, por outro por centrarem a sua reflexão nas relações intercategoriais de uma forma que me parece ser bastante produtiva para a análise que há a fazer sobre o português.

Qualquer destes trabalhos assume como válidas as propostas teóricas de Culioli sobre o funcionamento da linguagem. Neste quadro entende-se linguagem como sendo "(...) uma actividade significativa de representação, simultaneamente de produção e de reconhecimento(...)". O linguista deve ser capaz de "(...) construir um sistema de representações metalinguísticas que dê conta da relação entre as formas (...) e as operações que lhes são subjacentes e que constituem a actividade enunciativa. (...) "(Campos 1989:34). Para isso, deverá ter em conta três níveis de representação da linguagem - o nível das noções, o nível dos textos e o nível da representação metalinguística.

É no nível nocional - a que só se acede a partir do nível dos textos - que se situam, por um lado as noções predicativas (noções do tipo α), as noções gramaticais, como o aspecto, a modalidade, a determinação, a diátese... (noções do tipo β), as relações entre noções predicativas (noções do tipo γ), e por outro lado, as operações - como a localização, a extracção, a quantificação/qualificação - que incidem sobre as noções do tipo α ou de tipo γ "(...) afectando-as com valores referenciais das noções de tipo β (...) "¹.

Uma relação primitiva ordenada entre duas noções é submetida a operações que as lexicalizam, resultando dessa operação uma relação predicativa. A esta relação predicativa estão associados dois "filtros" - um filtro lexical e um filtro que produz as restrições impostas pelo conjunto dos elementos que constituem a relação predicativa. O conjunto de operações predicativas que incidem sobre a relação predicativa vai ser responsável pela organização sintáctica dos enunciados, através da localização abstracta dos elementos que a

¹Ver Campos 1989 e 1994 e Culioli 1982, entre outros

constituem, construindo-se um localizador predicativo (ou termo de partida) e um ou mais localizadores constitutivos.

Assim, se se tomar, como exemplo, uma relação predicativa como <Maria educar crianças>, formalmente <arb>, podemos afirmar que foi construído um valor de diátese activa, tendo em conta um conjunto de regras que definem <Maria> como um dos localizadores predicativos possíveis, ou de diátese passiva se o termo de partida é, para a mesma relação predicativa, o segundo argumento.

Seguindo de perto a literatura recente, considerarei o primeiro argumento de uma relação predicativa como o argumento de ordem 0 (C₀) e o segundo argumento como o argumento de ordem 1 (C₁).

Aceitarei que, em princípio, numa relação predicativa como a exemplificada anteriormente - <Maria educar crianças> - a C₀ (o primeiro argumento) corresponde o papel temático de agente, enquanto que a C₁ (o segundo) corresponde o papel temático de paciente (ou agido). No entanto será importante sublinhar que, e seguindo a posição de Desclés e Guentchéva 1993:82, "(...) as propriedades dos papéis temáticos são propriedades posicionais (...) identificáveis unicamente pelas propriedades observáveis nas configurações sintácticas que ocupam". Este argumento teórico servirá para justificar, por exemplo, a possibilidade de interpretação agentiva de SNs cujos traços semânticos tradicionais (-humano,-vontade) o não permitiriam. Veja-se, por exemplo, a boa formação de

Este inverno o mar destruiu a arriba

Um outro ponto teórico, bastante estudado, de onde partiu este trabalho é o de se aceitar que a relação que o papel temático agente tem com a posição sintáctica de sujeito não é linear. Em exemplos como

O João abre a porta / A Maria levou uma estalada²

não se poderá dizer que em ambas as sequências os SNs sujeitos sejam agentivos, apesar de ambos serem, indubitavelmente, sujeitos sintácticos. Esta constatação poderá desencadear um outro conjunto de problemas que se prendem com o valor dos sujeitos.

Para muitos linguistas³ uma discussão sobre o sujeito ultrapassa o estudo do sujeito sintáctico, sendo necessário alargar essa discussão, por exemplo, à definição de outros 'sujeitos' que mantêm com o sujeito sintáctico relações diferenciadas. Neste trabalho centrarei a atenção nas relações que o sujeito sintáctico pode estabelecer com o sujeito enunciador. Baseio-me sobretudo em, entre outros, Jean-Jacques Franckel que defende que "as propriedades lexicais de certos verbos são susceptíveis de filtrar de uma forma complexa a articulação do sujeito sintáctico com o sujeito enunciador (...)." (Franckel 1994: 232). Esta afirmação de Franckel fundamenta-se em trabalhos de Milner (Milner 1986) e de Culioli (Culioli 1982), bem como em trabalhos seus anteriores. Nas relações entre frases activas e frases passivas, esta afirmação é demais evidente como se verifica pelo exemplo canónico 'O João comeu o bolo' e 'O bolo foi comido pelo João'.

Tal como a diferença que se verifica entre sujeito do enunciado/sujeito enunciador é fundamental para a análise das relações que argumentos de frases activas e frases passivas estabelecem, a singularização e a pluralização de nominalizações deverbais constitui um pontos fundamentais para análise da diátese e da determinação nominal. Se se analisar, por exemplo

²Exemplos adaptados de Declés e Guentchéva 1993:84.

³Ver, por exemplo, Yaguello (ed) (1994) *Subjecthood and subjectivity. The Status of the Subject in Linguistic Theory*, Londres, Março 1993.

A destruição das lagartas [foi levada a cabo com meios poderosíssimos]

As destruições das lagartas [põem em causa o bom resultado das culturas].

facilmente se verifica que não há identificação na organização da distribuição do primeiro argumento nos dois enunciados.

No enunciado singular, o sujeito da 'destruição' está fora do SN. No enunciado pluralizada o SN 'as lagartas' é o sujeito 'destruidor'.

Assim poder-se-ia obter, como paráfrases, respectivamente

Alguém destruiu as lagartas / As lagartas destroem alguma coisa

O contraste verificado entre as duas sequências prende-se unicamente com a diferença que a categoria número desencadeia. É o valor da marca de plural que estabelece a obrigatoriedade de uma identificação do termo de partida com o primeiro argumento (C₀) para a sequência plural, e com o segundo argumento (C₁) para a sequência singular, isto é, a diferença existente na identificação com o sujeito ou com o objecto consoante a sequência é mais ou menos singular prende-se com o facto de o determinante plural ser marcador de uma classe de ocorrências indiferenciadas da noção /destruição/, enquanto que o determinante singular é marcador da totalização da ocorrência dessa noção. Estas operações - extracção e totalização - estão ligadas à operação abstracta de Quantificação/Qualificação que determina quantitativa e qualitativamente a noção. Esta 'determinação' obtém-se a partir de um cálculo de preponderâncias ou equiponderâncias dos marcadores de quantificação e de qualificação, podendo prever-se qual dos termos nominais de uma relação predicativa é marcado por Qnt, por Qlt, por ambos ou por nenhum deles. Na sequência plural Qnt é preponderante, enquanto que na sequência singular a preponderância cabe a Qlt.

É importante verificar que o nome resultante de uma nominalização deverbal inscreve-se na categoria dos nomes compactos. Para além de não poderem ser discretizados, a não ser com a ajuda de um falso discretizador, o marcador que os determina é fundamentalmente o artigo definido.⁴ Poder-se-á verificar empiricamente o que atrás se afirmou através dos exemplos seguintes:

*Duas destruições das lagartas

?Uma destruição arrasadora das lagartas...

As destruições devastadoras das lagartas...

em que a impossibilidade de uma enumeração, por um lado, e a marcação do alto grau da noção através de adjectivos como *arrasadora*, *devastadora*, etc, justificam a inclusão das nominalizações deverbais na categoria dos nomes compactos.

Sobre o SN complemento do Nome, na sequência singular, parece pertinente fazer-se alguns comentários. Se se analisar os exemplos em que se manipula o determinante que antecede N, no contexto de Det N, encontram-se as seguintes situações

a) A destruição da lagarta / A destruição das lagartas

b) A destruição de uma lagarta

c) A destruição de \emptyset lagartas

d) *A destruição de \emptyset lagarta

As gramaticalidades de a), b) e c) devem-se a razões diferentes que importa analisar. Em a) a existência do artigo definido aponta, como se viu anteriormente, para a totalização das ocorrências da noção e não para a extracção de uma ocorrência da noção /ser lagarta/. Esta

⁴Sobre esta tipologia de classificação dos nomes ver Culioli 1975 e 1991, Vogüé 1989, Correia 1993 e Campos 1994.

interpretação sublinha o valor genérico do enunciado. Em termos da operação de Quantificação/Qualificação QIt é preponderante.

A leitura não genérica desta sequência é também possível. Neste caso o determinante a poderia ser substituído pelo demonstrativo aquela ou por um numeral, como aliás se exemplifica em b). Nesta leitura Qnt seria preponderante em relação a QIt.

Com o par c) d) verifica-se que a compatibilidade do artigo \emptyset com o Nome só é possível quando o N é +plural. Na sequência d) com \emptyset N+singular, a impossibilidade de identificação do termo de partida da relação predicativa bloqueia a gramaticalidade da sequência. Recorde-se⁵ que o artigo \emptyset não permite, por si só, a validação da noção, não sendo possível a sua ocorrência à esquerda do termo de partida numa relação predicativa, como se pode verificar, por exemplo, em '*bolo foi comido pelo João' ou na sequência d), exemplificada anteriormente. O termo de partida da relação predicativa está, como vimos fora desse SN e à sua direita..

Se compararmos agora as sequências de exemplos em que o SN inicial é identificável a C₀ verifica-se que a análise é coincidente com a que foi feita anteriormente para as sequências a), b) e c). É interessante sublinhar, no entanto, que com \emptyset N+plural - 'As destruições de \emptyset lagartas' - o SN \emptyset lagartas não se identifica com um sujeito (C₀) mas com o objecto (C₁). A sequência é gramatical porque não só \emptyset N está à direita do termo de partida da relação predicativa, como também o facto de N+plural permite a validação da ocorrência da noção (as destruições).

⁵Ver Danon-Boileau 1987, Gilbert 1993 e Correia 1994

Um dos problemas que se pode levantar neste momento prende-se com a possibilidade ou impossibilidade de generalização desta análise para todas as nominalizações deverbais originadas em relações predicativas definidas anteriormente como <C₀ r C₁>.

Se se analisar o paradigma *construir/construção*⁶, converso de *destruir/ destruição* verifica-se que exemplos como

a construção das casas [foi catastrófica]

as construções das casas [constituem o principal rendimento das imobiliárias]

não existe uma leitura diferenciada, consoante a nominalização é marcada por + ou - singular.

Em ambos os enunciados os traços semânticos dos SNs 'as casas' não permite uma leitura agentiva para qualquer dos exemplos. O SN 'as casas' só pode ser objecto do predicado nominal, isto é, (C₁), e nunca sujeito da predicação (C₀). Esta constatação pode conduzir à primeira conclusão a retirar deste trabalho: em construções com nominalizações deverbais para que se possa recuperar a dupla leitura do argumento do Nome como (C₁) ou (C₀) é preciso que haja compatibilidade entre o sujeito que constrói e o objecto que é construído, por um lado, e, por outro com o predicado que deverá conter, como se sabe, traços de restrição na selecção dos seus argumentos. Essas restrições não têm, obrigatoriamente, de comportar os traços de (+animado). Veja-se, como exemplo, o que se passa com

a destruição das bombas/ as destruições das bombas

⁶O problema dos verbos conversos como *dar /receber, vender /comprar* etc.. constituem um dos pontos do artigo de Gross 1993. Veja-se, por exemplo, como a partir de *O Paulo deu um presente à Maria* existe a nominalização desse predicado *A dádiva do Paulo à Maria foi um livro*, enquanto que com *A Maria recebeu um livro da parte do Paulo* dificilmente teríamos, com um valor equivalente **A recepção da Maria...*

a transformação das areias/ as transformações das areias

em que as ocorrências das noções /bomba/ e /areia/ podem assumir os papéis de agente ou agido dos predicados 'destruição' e 'transformação', respectivamente.

Para além das propriedades levantadas no estudo das construções nominais implicadas em estruturas de diátese, parece-me importante poder propor um quadro que generalize as relações entre diátese e determinação nominal. Esta reflexão baseia-se sobretudo no trabalho de Culioli-Atwood para o francês⁷.

Neste trabalho Culioli-Atwood defende que para se analisar as relações da diátese com a determinação nominal é preciso ter em conta quatro situações:

- 1- Há uma relação entre agentividade e diátese se, numa relação predicativa como $\langle C_0 \text{ r } C_1 \rangle$, o termo de partida é o agente e o predicado é, ou de actividade, ou de evento.
- 2- Se a relação incide sobre C_0 estamos face a um 'nome de agente', privilegiando-se o processo.
- 3- Quando existe uma relação entre o predicado e C_1 temos um 'nome de acção'. O uso do artigo definido é preferencial por ser a marca do reenvio da ocorrência à noção. Qlt é preponderante em relação a Qnt.
- 4- Quando existe uma relação entre o predicado (processo) e a nominalização estamos face a um 'nome de objecto', existindo uma operação de 'quantificação-localização'

Tentarei, a seguir, exemplificar estas quatro situações:

⁷Cf. Culioli-Atwood 1992

Se partirmos da relação predicativa <X construir casas> ou <X educar crianças> em que percorrendo-se todos os exemplos e manipulando-os de forma a que todas as sequências identificadas com o segundo argumento (neste caso 'casas' e 'crianças') sejam determinadas por marcadores diferentes (\emptyset , artigo definido, artigo indefinido, numeral), poderemos obter quatro situações diferenciadas que correspondem, de uma forma geral às quatro situações definidas por Culioli-Atwood. Veja-se os exemplos seguintes:

- 1 - O João constrói \emptyset casas /O João constrói as casas/O João constrói a/uma/duas casa (s)/ \ast O João constrói \emptyset casa
- 2 - O João é construtor de \emptyset casas/?O João é construtor das casas/? O João é construtor de \ast a/uma/duas casa/ \ast O João é construtor de casa
- 3 - ?A construção de \emptyset casas é feita pelo João/A construção das casas é feita pelo João/A construção da/uma/duas casa é feita pelo João/ \ast A construção de casa é feita pelo João
- 4 - A construtora de \emptyset casas é uma empresa multinacional/A construtora das casas é uma empresa multinacional/ A construtora da casa é uma empresa multinacional/ \ast A construtora de casa é uma empresa multinacional

Dessa manipulação que se dá conta em 1, 2, 3 e 4 pode-se retirar as seguintes conclusões:

Na relação predicativa de onde se partiu - <X construir casas> - apenas a sequência marcada com artigo \emptyset quando N é +singular, é agramatical. Em todas as derivações nominais do predicado *construir*, essa agramaticalidade mantém-se.

Na sequência 'João ser construtor', em que 'construtor' é aquilo a que Culioli-Atwood chama 'Nome de Agente'⁸só a sequência em que há coocorrência do artigo \emptyset com N +plural, surge como natural.

⁸Nom d'agent ou de métier' (Culioli-Atwood 1992: 31).

A justificação proposta por Culioli-Atwood parece-me ser bastante adequada. Afirma ela que o nome de agente ao privilegiar a relação agentiva conserva as propriedades do predicado donde se partiu, neste caso *construir*. Note-se igualmente que em qualquer das sequências subsequentes, marcadas com '?', tornar-se-iam gramaticais se o nome '*construtor*' fosse determinado pelo artigo definido, o que faria com que o valor da operação Quantificação/Qualificação fosse diferente.

Em todos os exemplos de 3 o termo de partida da relação predicativa é o argumento C₁. Em todas as relações predicativas o termo de partida é o ponto que marca a estabilidade da relação. O artigo definido é utilizado por ser, por excelência, o marcador dessa estabilidade. Esta análise justifica o facto de aparecerem como mais naturais as sequências em que C₁ é determinado pelo artigo definido.

Em 4 estamos face a uma nominalização deverbal que incide sobre, pelo menos, duas das propriedades do predicado *construir*: por um lado o lugar da construção, por outro a actividade de produção em si. Na sequência exemplificada em 4 o Nome '*construtora*' funciona como um discretizador do Nome '*casa*'. Esse facto impede a sequência $\emptyset N_{+singular}$ e permite qualquer uma das outras hipóteses de ocorrências, quer com $\emptyset N_{+plural}$ (valor genérico) quer com $aN_{\pm singular}$ (valor específico). Isto deve-se à possibilidade de existir, em qualquer destas sequências, a identificação do termo de partida capaz de validar a noção. Essa validação é feita através da marca de plural em $\emptyset N_{+plural}$ ou pela ocorrência do artigo definido singular ou plural, nas duas outras sequências.

Para Culioli-Atwood (op. cit: 32) em 4 estamos face àquilo a que chama um 'Nome de Complemento'. Propõe-se, assim, que haja uma reconstituição do esquema nocional em que, a partir de uma

quantificação, exista um termo que permita a qualificação da ocorrência de uma forma bem definida. Baseia esta proposta na análise da nominalização 'élevage'-(do predicado élever) que permite, para o francês, duas leituras distintas: 'un élevage de moutons' - lugar onde se criam carneiros e conjunto de carneiros 'élevés'. No entanto se em 'un élevage de moutons de petite taille' existe ambiguidade, em 'un élevage de moutons de conception moderne' não há qualquer ambiguidade. Tal como em francês também em português poderemos, para o nome de objecto, encontrar o mesmo tipo de ambiguidade e de não ambiguidade:

Há construtoras de casas de pequena dimensão/Há construtoras de casas de tecnologia de ponta

Se analisarmos outros paradigmas de nominalizações deverbais, partindo de uma relação predicativa com a mesma estrutura, verificamos que a análise é praticamente coincidente com a que foi proposta, se exceptuarmos a existência do nome de objecto que nem sempre existe. Apenas como curiosidade contraste-se, por exemplo, 1, 2, 3, e 4 com 1', 2', 3', 3''.

1'- A Maria educa crianças/A Maria educa as crianças/A Maria educa a criança/*A Maria educa criança

2'- A Maria é educadora de crianças/?A Maria é educadora das crianças/?A Maria é educadora da criança/*A Maria é educadora de criança

3'- *A educação de crianças é feita pela Maria/A educação das crianças é feita pela Maria/A educação da criança é feita pela Maria/*A educação de criança é feita pela Maria

3''- A educação de crianças é uma tarefa difícil/A educação das crianças é uma tarefa difícil/A educação da criança é uma tarefa difícil/*A educação de criança é uma tarefa difícil

Tudo o que atrás foi dito se mantém aqui válido. No entanto os exemplos 3' e 3'' merecem alguns breves comentários. A impossibilidade, ou estranheza, da primeira ocorrência de 3' em relação à primeira de 3'' vem mostrar que 'educação' tem valores diferentes, sob o ponto de vista da determinação, nos dois exemplos dados. Em 3' não é possível validar o termo de partida, criando-se uma instabilidade entre os dois termos da relação predicativa. Qnt é preponderante, o que não deveria acontecer num contexto $\emptyset N + \text{plural}$.

Em 3'', por sua vez, a segundo termo da relação predicativa funciona, como vimos anteriormente, como um discretizador (falso discretizador) do nome compacto 'educação' que vai funcionar como um marcador de alto grau de um nome compacto. Qlt é, por isso preponderante em relação a Qnt. A sequência é, claramente, gramatical.

Se tivermos em conta as predicacões que ocorrem nas duas sequências também elas são qualitativamente diferentes. Em 3'' temos a predicacão de uma propriedade (ser difícil educar crianças), enquanto que em 3' temos uma predicacão de existência (Maria educa crianças). É esta predicacão que acentua o carácter discreto do nome 'criança', obrigando a uma extracção da ocorrência da noção. No exemplo dado - '*A educação de crianças é feita pela Maria' - a sequência $\emptyset N + \text{plural}$, tal como vimos anteriormente, obriga à totalização da ocorrência da noção, permitindo uma leitura genérica do enunciado. A relação predicativa donde se partiu bloqueia essa possibilidade. A sequência é, por isso, agramatical ou, pelo menos, estranha.

Conclusão: Tendo consciência do vasto trabalho que é preciso ainda desenvolver à volta da determinação nominal, sobretudo no campo das relações intercategoriais, penso ter abordado, ainda que de uma forma

algo breve, e de certeza insuficiente, três pontos que julgo fundamentais:

O primeiro diz respeito à validação de um modelo teórico que continua a parecer adequado nas propostas que fornece para a discussão das muitas interrogações que o funcionamento de uma língua nos coloca a todos.

O segundo prende-se com a tentativa de explicação de alguns fenómenos da língua que têm merecido pouca atenção na literatura sobre o português, nomeadamente o valor da pluralização, a relação intersujeitos, o valor dos determinantes.

O terceiro ponto, finalmente, circunscreve-se, apenas, à tentativa de construir mais um conjunto de interrogações à volta do funcionamento da linguagem enquanto actividade de produção e de reconhecimento.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

- CAMPOS, M^a Henriqueta Costa (1989) *Abordagem Enunciativa de um Subsistema do Sistema Modal do Português: os Verbos DEVER e PODER*. Tese de Doutoramento, Lisboa, Faculdade de Ciências Sociais e Humanas, 1989.
- CAMPOS, M^a Henriqueta Costa (no prelo) "Para uma reinterpretação de alguns fenómenos aspectuais" in *Actas do Congresso Internacional sobre o Português*, Lisboa, Faculdade de Letras, Abril 1994.
- CORREIA, Clara (1993) "A determinação: quantificação e qualificação" in *Actas do 8^o Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Lisboa, Colibri, 100-111.
- CORREIA, Clara (1994) "O valor do artigo *o* em português" in *Actas do 9^o Encontro da Associação Portuguesa de Linguística*, Coimbra, APL, 131-144.
- CULIOLI, Antoine (1975) "Notes sur 'détermination' et 'quantification': définition des opérations d' 'extraction' et de 'fléchage'", *Documents de l'Université Paris 7*, (NRS, 1-14.

- CULIOLI, Antoine (1982) Rôle des Représentations Métalinguistiques en Syntaxe. Université Paris 7, DRI., Coll. ERA 642. 2-30
- CULIOLI, Antoine (1991) "Structuration d'une notion et typologie lexicale. A propos de la distinction *dense, discret, compact*", BULAG 17, 7-12
- CULIOLI-ATWOOD, Marie-Hélène (1992) Opérations Référentielles. Analyse de la Détermination en Français en Vue d'un Traitement Automatisé. Paris, UFR.
- DANON-BOILEAU, Laurent (1987) Énonciation et Référence, Paris, Ophrys
- DESCIÈS, Jean-Pierre & Zlatka GUENTCHÉVA (1993) "Le passif dans le système des voix du français". Langages 109. 73-102.
- FRANCKEL, Jean-Jacques (1994) "Facteurs lexicaux dans l'organisation de la diathèse" in Marina YAGUELLO (ed) *Subjecthood and Subjectivity. The Status of the Subject in Linguistic Theory*, Paris, Ophrys, 231-250.
- GILBERT, Éric (1992) "La théorie des opérations énonciatives d'Antoine Culiolli" in *Les Théories de la Grammaire Anglaise en France*, Paris, Hachette Supérieur, 63-96.
- GROSS, Gaston (1993) "Les Passifs nominaux". Langages 109. 103-127.
- MILNER, Jean-Claude (1976) "Réflexions sur la référence", Langages, 63-73.
- VOGÜÉ, Sarah de (1989) "Discret, dense et compact - les enjeux énonciatifs d'une typologie lexicale" in Jean-Jacques FRANCKEL (ed) *La Notion de Prédicat*, Paris, U.F.R.L., Coll ERA 642, 1-37.
- YAGUELLO, Marina (ed) (1994) *Subjecthood and Subjectivity. The Status of the Subject in Linguistic Theory*, Paris, Ophrys.